

## DESIGN DE MODA E UM POSSÍVEL FUTURO ANCESTRAL: RESSIGNIFICAÇÃO DO BORDADO

*Fashion design and a possible ancestral future: reframing embroidery*

Silva, Luísa Saraiva Leão Leite da; MSc; Universidade da Beira Interior, leaoluisaa@gmail.com<sup>1</sup>  
Mendes, Francisca Raimunda Nogueira; PhD; Universidade Federal do Ceará, franciscarmendes@gmail.com<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo surgiu a partir da observação do contexto do bordado, que passa por mudanças concomitantes ao contexto digital, mais especificamente no Instagram. Com o objetivo de analisar a influência das tendências de moda na produção contemporânea de bordados, a análise qualitativa de conteúdo foi utilizada nos perfis de Tarah Regan e Erin Alyssa a partir da perspectiva do relatório ‘Lar & Lifestyles 2025’ da WGSN. Averiguou-se que o bordado integra-se nas novas demandas de consumo, estética e eticamente, pautadas na sustentabilidade, autenticidade e conexão emocional.

**Palavras chave:** Craftivismo; *Slow Movements*; Instagram.

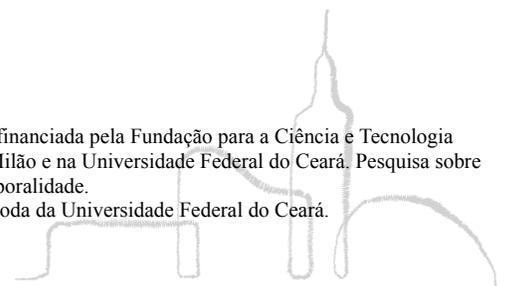
**Abstract:** This article arose from the observation of the context of embroidery, which is undergoing changes concomitant with the digital context, more specifically on Instagram. In order to analyse the influence of fashion trends on contemporary embroidery production, qualitative content analysis was used on the profiles of Tarah Regan and Erin Alyssa from the perspective of WGSN's ‘Home & Lifestyles 2025’ report. It emerged that embroidery is part of new consumer demands, both aesthetically and ethically, based on sustainability, authenticity and emotional connection.

**Keywords:** Craftivism; Slow Movements; Instagram.

---

<sup>1</sup> Artista têxtil, designer de moda e doutoranda em *Media Artes* pela Universidade da Beira Interior (Portugal), financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Seu percurso acadêmico na UBI desde a licenciatura abrangeu mobilidades no Instituto Politécnico de Milão e na Universidade Federal do Ceará. Pesquisa sobre sustentabilidade, cultura artesanal e arte têxtil, aprofundando, no doutorado, o diálogo com a cibercultura e temporalidade.

<sup>2</sup> Historiadora, mestre e doutora em Sociologia, professora da área de História e Pesquisa do curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará.



## Introdução

A presente investigação surgiu a partir da observação da prática contemporânea do bordado, que passa por mudanças a nível estético e temático no presente século — reflexo de alterações sociais e antropológico-culturais. Atualmente, a tomada de consciência coletiva acerca das problemáticas sociais, ambientais e culturais — processo definido por Albino (2017) como ‘novo Iluminismo’ — influencia diversos movimentos, como o Craftivismo (Fitzpatrick, 2018) e o *Slow Movement* (Honoré, 2004). Como resultado, cada vez mais pessoas são direcionadas ao consumo não industrial, ou até mesmo convencidas pela satisfação da artesanaria por trás do ‘do it yourself’ (DIY) — movimento ‘faça você mesmo’.

A popularização do estilo de bordado livre promovido nas últimas décadas através das redes sociais *online* corroborou para a emancipação à nível de reconhecimento da prática e de profissionalização dos praticantes. A presente pesquisa possui o objetivo de compreender a influência da moda no contexto contemporâneo do bordado, cujo principal meio de difusão é a rede social Instagram (Pimentel, 2019; Gomes, 2019). Com abordagem bibliográfica qualitativa e interdisciplinar, dois perfis serão utilizados para a análise de conteúdo (Schiavin & Garrido, 2018), além da análise de tendências de consumo de moda. A produção artesanal de bordados de Erin Alyssa e Tarah Regan será analisada a partir dos estudos de tendência obtidos através da plataforma WGSN, especificamente na categoria ‘Lar e Lifestyles 2025’. A escolha dos perfis se deu principalmente pela realização de trabalhos autorais, bem como pelo reconhecimento que possuem no contexto do ciberbordado (Pimentel, 2019) – comunidade de praticantes e entusiastas do bordado na plataforma Instagram.

## Entre a agulha e a máquina: bordado, moda e os impactos da industrialização

A moda, enquanto portadora dos estilos e modos de vida que abrange cada tipologia de objeto cotidiano, consiste numa ferramenta para a qualificação estética e crítica das diferentes épocas (Pereira, 2017). Por exercer influência no consumo de bens de modo geral, ela revela peculiaridades sociais e culturais de determinado período histórico. Já o bordado, enquanto técnica artesanal têxtil, acompanhou a evolução da humanidade desde o período Neolítico (Parker, 2010), se fazendo presente nas mais diversas sociedades ao longo do tempo. A relação entre os dois objetos de estudo é íntima e ancestral, uma vez que, além do têxtil como base comum, o bordado foi historicamente concebido enquanto apêndice da moda. Desde o início da comercialização de bordados, resultante da invenção da agulha em aço e do refinamento da seda bizantina na Idade Média (século XIII), sua prática estava relacionada à decoração de vestuário ou têxteis-lar — inserindo o bordado sempre como elemento de algum outro produto.

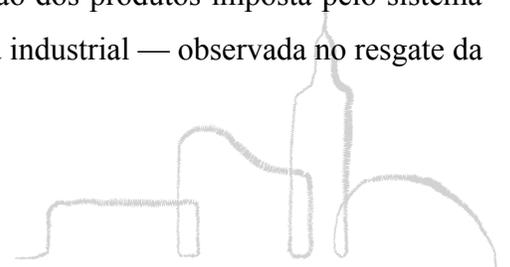
Com a industrialização, ambos os contextos foram afetados. A prática do bordado, assim como as outras técnicas artesanais — principalmente têxteis — se contrapunha à aceleração produtiva, que foi inserida na mentalidade coletiva enquanto única possibilidade de desenvolvimento econômico. A técnica, que até a 1ª Revolução Industrial era símbolo de *status*, expressão de cultura e refinamento, foi desvalorizada economicamente e confinada ao espaço doméstico, passando a ser utilizada como ferramenta de aprisionamento feminino (Beauvoir, 2009).

Simultaneamente, a moda sofreu encurtamento da cadeia produtiva a partir da dissensão da tradicional sazonalidade do seu ciclo, considerando que o tempo industrial não permitia a duração de meses entre a concepção e a venda. As coleções, que antes eram lançadas semestralmente, passaram a ser renovadas duas vezes por mês. Dessa forma, segmentação e massificação produtivas abriram portas ao *fast fashion*, um modelo de produção dentro da indústria da moda que valoriza a rapidez e baixo custo dos produtos em detrimento da qualidade, autenticidade e princípios éticos ambientais, sociais, culturais e econômicos (Gwilt, 2015).

Além da pressão pela rapidez na produção, o *fast fashion* trouxe à tona questões éticas e ambientais significativas. A produção em massa não apenas depreciou a qualidade e durabilidade das peças, mas também resultou em um aumento drástico do desperdício têxtil e exploração de mão de obra em condições inadequadas (Brooks, 2015). Esse processo contrasta com a essência do bordado, que é caracterizada pela meticulosidade e pela valorização do trabalho manual e do tempo investido em cada peça. Enquanto o bordado promove uma conexão com tradições e práticas culturais, a moda rápida simboliza a desconexão e a efemeridade da modernidade industrial.

### **Moda, bordado e ativismo: a transformação do consumo no século XXI**

As gerações moderno-contemporâneas se depararam com ferramentas publicitárias, criadas com o objetivo de distorcer o conceito de necessidade, resultando em sociedades altamente consumistas (Gwilt, 2015). No presente século, observa-se um processo de conscientização coletiva sobre problemas sociais, ambientais e culturais gerados pela produção e consumo massificados. Claudia Albino (2017) descreve-o como um ‘novo Iluminismo’, destacando a necessidade de uma crítica e uma atitude combativa contra as narrativas catastróficas e soluções simplistas que dominam o discurso atual, propondo uma renovação da confiança na capacidade de construção coletiva de um mundo melhor. Nesse processo, a padronização dos produtos imposta pelo sistema produtivo fabril deixa de fazer sentido, dando lugar a uma anti-hegemonia industrial — observada no resgate da ancestralidade manual em muitas tendências de consumo contemporâneas.



Este processo é também articulado por movimentos como o *Slow Movement* e o *Craftivismo*, que valorizam a produção artesanal e o consumo consciente como formas de resistência ao modelo industrializado e acelerado. O primeiro surgiu a partir do *Slow Food*, que foi fundado na Itália por Carlo Petrini em 1986, com o objetivo de promover uma alimentação com respeito à tradição, biodiversidade e qualidade — em oposição ao *fast food*. O sucesso do movimento expandiu-o para todas as áreas, adquirindo caráter de revolução cultural a partir da filosofia da desaceleração dos modos de vida (Honoré, 2004).

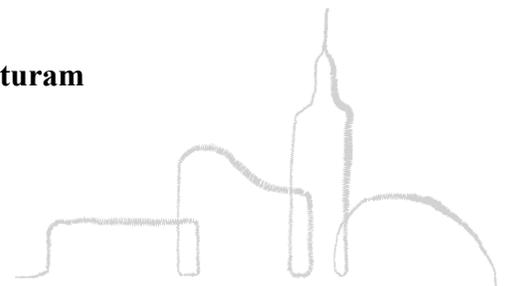
Já o *Craftivismo*, criado por Betsy Greer em 2003<sup>3</sup>, foi difundido por Tal Fitzpatrick (2018), uma artista e pesquisadora que criou o manifesto-metodologia do movimento, que combina artesanato (*craft*) e ativismo. Ela define o *Craftivismo* como uma prática que utiliza técnicas artesanais tradicionais para abordar questões políticas e sociais, e seu trabalho enfatiza o poder do artesanato para promover mudanças sociais, incentivar a partilha de histórias e engajar grupos diversos. Defendendo a importância de uma prática reflexiva e consciente, o movimento pode ser compreendido enquanto subconjunto do DIY (movimento ‘faça você mesmo’). A principal diferença entre os termos reside no fato do *Craftivismo* possuir foco no ativismo político-social, para além da promoção da autonomia, criatividade e sustentabilidade previstas no movimento DIY.

Em termos de consumo, a moda consiste num ‘mecanismo de marketing, onde todo produto é projetado para ter uma identificação direta com seu portador’ (Norogrande, 2010, p.269). Esse mecanismo se expande para todos os tipos de mercado, e, considerando a tomada de consciência coletiva descrita por Albino (2017), o ato de comprar atualmente revela uma escolha. Como reflexo, a ATP - Associação Têxtil e Vestuário de Portugal (2017, p.84), destaca os *consum’actors*, segmento de mercado consumidor sustentável e ativista, que constitui uma parcela cada vez mais significativa da sociedade, sendo analisado enquanto tendência de consumo. A principal característica desse grupo é o ativismo, amplamente proporcionado pelas redes sociais, com a preocupação de expor e manifestar preocupações sociais e ambientais.

Esses movimentos refletem as mudanças temporais desencadeadas na sociedade moderno-contemporânea. Tanto Albino (2017, p.292) quanto Krucken (2012) afirmam que a revalorização de objetos artesanais é provocada pela vontade do indivíduo contemporâneo em ‘encontrar um tempo humano e lento que não têm’. O tempo cotidiano sofreu uma aceleração, e nesse sentido o ‘sujeito do desempenho’ (Han, 2021) associa seu valor à sua produtividade, numa incansável tentativa de se comparar à produtividade fabril.

### **O ciberbordado: onde o tradicional e o contemporâneo se misturam**

<sup>3</sup> Fonte: [https://craftivism.com/blog/wp-content/uploads/2014/01/Craftivism\\_Excerpt.pdf](https://craftivism.com/blog/wp-content/uploads/2014/01/Craftivism_Excerpt.pdf)



A cultura material têxtil é compreendida e analisada através de objetos que refletem diferentes perspectivas e referências históricas. Na perspectiva de Brito (2012, p.49), esses objetos atualmente passam por um processo de ressignificação ampla, tanto em termos de elaboração técnica, quanto em termos de discursos, ‘que são tecidos sobre estes mesmos objetos por aqueles que o produzem e o consomem’. O resgate do *fazer* têxtil contribui para a produção e consumo artesanal de bordados, que deixam de (apenas) ornamentarem outros objetos para construir suas próprias narrativas, nas quais os bastidores<sup>4</sup> passaram a atuar como molduras.

O movimento feminista dos anos 1970 abrangeu uma redescoberta do bordado na arte e na moda, que passou a ser visto não somente como técnica artesanal, mas também como ferramenta de expressão artística e política (Rocco, 2021; Tvardovskas, 2012). Entretanto, no século XXI, o bordado tem experimentado um ressurgimento não apenas nessas esferas. Movimentos como o Craftivismo têm o promovido como uma forma de expressão pessoal e crítica social. Plataformas digitais, especialmente o Instagram, têm permitido a artistas e entusiastas do bordado compartilharem seus trabalhos e ganharem reconhecimento global (Pimentel, 2019; Gomes, 2019). Este ressurgimento também é uma resposta à crescente consciência sobre sustentabilidade e valorização do trabalho artesanal, questões fortemente defendidas pelo *Slow Movement*.

O resgate contemporâneo do bordado consiste num contexto influenciado por diferentes pautas: se articula com o feminismo ao subverter um contexto privado e opressor numa forma de emancipação financeira; com a ecologia, por resgatar modos de produção com menos impacto ambiental; por fim, adentra no debate contra-colonial, uma vez que a circunscrição do bordado enquanto prática artística inferior é eurocêntrica (Rita, 2016; Blanca, 2014). Essas pautas, que influenciam todo o contexto da produção têxtil artesanal, encontram no bordado uma forma muitas vezes literal de produzir esses discursos — considerando, ainda, a tradicional ligação entre bordado e escrita (Pereira & Trinchão, 2019).

O termo ‘ciberbordado’, usado para descrever a comunidade de bordadeiras no Instagram, foi cunhado por Carolina Pimentel (2019) e Adriana Gomes (2019) em seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) na Universidade Federal do Ceará (UFC). Eles exploraram como as práticas tradicionais de bordado são revitalizadas e ressignificadas na era digital através das redes sociais. A abordagem das autoras destaca a convergência entre técnicas artesanais tradicionais e a cultura digital contemporânea. Além disso, as discussões desses trabalhos indicam uma valorização crescente das práticas artesanais em plataformas digitais, onde bordadeiras compartilham suas criações, técnicas e histórias pessoais, criando uma rede de apoio e inspiração mútua. Este fenômeno do ciberbordado demonstra como o bordado pode evoluir e se adaptar às novas tecnologias, preservando sua relevância cultural e artística na era digital.

<sup>4</sup> Bastidor: Aparelho em que se prende e estica o tecido que se quer bordar. Fonte: <https://dicionario.priberam.org/bastidor>.

## Tendências de consumo da WGSN aplicadas ao ciberbordado

O *white paper*<sup>5</sup> ‘Lar & Lifestyles 2025’ da WGSN<sup>6</sup> surgiu a partir da investigação sobre as transformações das diversas atividades que compõem o cotidiano, ocorridas especialmente a partir da pandemia. O isolamento social direcionou todos os compromissos possíveis para o modo remoto, fazendo com que as casas fossem simultaneamente espaços para trabalho, lazer, exercícios, educação e entretenimento. A migração dos compromissos para os lares no contexto pós-pandêmico é ainda mais estimulada por fatores como a alta do custo de vida, a recessão e a crise climática, que especialmente nos próximos 3 anos direcionarão cada vez compromissos para casa, resultando no crescimento da preocupação e expectativa que se tem sobre ela.

Em consonância com o ‘novo Iluminismo’ defendido por Albino (2017), o relatório descreve o início do presente século como um ‘grande despertar’. Hábitos cada vez mais conscientes substituem o consumo em escala industrial, que parecia intrínseco às gerações moderno-contemporâneas, promovendo uma espécie de ‘capitalismo regenerativo’, onde ‘o ideal do lucro a qualquer custo perde espaço para modelos de negócio sustentáveis’ (WGSN, 2024, p.3)<sup>7</sup>. Essa mudança de perspectiva é associada à imprevisibilidade climática, que já traz dificuldades no acesso à comida, água e combustível, fazendo com que as decisões das pessoas sejam baseadas no sentimento de intencionalidade – quem não se convenceu pela crise climática, se convencerá por impactos mais diretos como a alta do custo de vida e a escassez de combustíveis.

As técnicas artesanais, especialmente têxteis, se tornaram uma terapia e fonte de escapismo na vivência do isolamento social a partir de 2020, com o surgimento de pequenos empreendedores monetizando habilidades nas redes sociais. A WGSN acredita que esse contexto se manterá nos próximos anos de volatilidade econômica. Na tendência intitulada Casa Criativa, ‘o boom das técnicas artesanais vai continuar acompanhando a ascensão de estilos de vida focados no reaproveitamento e na baixa geração de resíduos, impulsionando uma estética mais livre, divertida e exuberante’ (WGSN, 2024, p.29).

A análise da plataforma também coloca que produtos bem-feitos e duráveis serão valorizados em meio à imprevisibilidade do mundo, bem como iniciativas que envolvam customização e reparo de roupas e itens de

<sup>5</sup> Documento informativo e autoritativo que apresenta análise detalhada e soluções sobre um tema. Neste caso, detalha as previsões de tendências para o ano de 2025, incluindo análises de dados, projeções de mercado, e sugestões sobre como se preparar para essas tendências emergentes e alinhar estratégias de produto e marketing com expectativas de mercado. Fonte: <https://www.wgsn.com/pt/resources/white-papers>.

<sup>6</sup> Worth Global Style Network (WGSN) é a empresa líder mundial em previsão de tendências e análise de consumo, monitorando padrões de consumo, movimentos culturais e avanços tecnológicos para fornecer previsões que ajudam empresas a planejar e desenvolver produtos, campanhas e estratégias que estejam alinhados com as expectativas futuras do mercado.

<sup>7</sup> Disponível em: [https://lp.wgsn.com/home-lifestyles-2025-download-en.html?utm\\_campaign=home-lif%80%A6](https://lp.wgsn.com/home-lifestyles-2025-download-en.html?utm_campaign=home-lif%80%A6). Acesso em: 19 ago. 2024.

decoreção. A visão inicial do *white paper* já se relaciona diretamente ao trabalho de Erin Alyssa<sup>8</sup> e Tarah Regan<sup>9</sup>, uma vez que criam peças autorais têxteis de qualidade artesanal para decoreção afetiva das casas, bem como a personalização de acessórios. O trabalho das duas bordadeiras será analisado a partir da perspectiva do relatório, utilizando como fonte documental as publicações realizadas nos seus perfis da rede social Instagram, mais especificamente no *feed* – fluxo contínuo de conteúdo onde os usuários interagem com as publicações, curtindo, comentando e compartilhando, sendo uma das principais formas de consumo de conteúdo dentro da plataforma.

A WGSN (2024) estima que o mercado consumidor estará cada vez mais à procura de um design único e com valor sentimental, e as bordadeiras já encontram-se preparadas para esta realidade. Não obstante, a análise proposta consiste em identificar características no trabalho das bordadeiras que revelem as tendências descritas no relatório, com o objetivo de compreender e analisar a influência delas no contexto do ciberbordado.

Em 2025, o lazer e o entretenimento também vão influenciar o modo como decoramos nossas casas, promovendo uma estética mais alegre e expressiva. O apelo das técnicas artesanais e da customização vai fazer com que as pessoas escolham itens feitos à mão, imperfeições e uma decoreção de interiores que desperta as emoções. (WSGN, 2024, p.24)

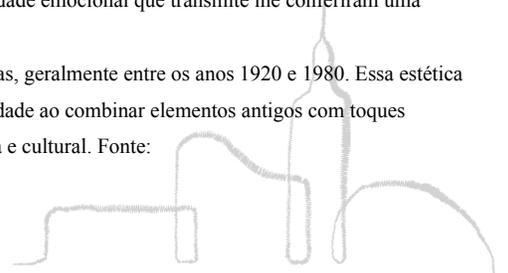
Por passarem mais tempo em casa, as pessoas buscarão um maior conforto nela. O relatório aponta para a procura de itens retrô e clássicos, oferecendo uma ‘antítese ao minimalismo neutro’. Em nível estético, observaremos linhas curvas, formas acolchoadas e arredondadas, superfícies táteis e estofadas, e materiais macios. Podemos observá-las nas peças de Erin Alyssa, que são repletas de informações táteis através da mistura de texturas e do uso de linhas macias e acolchoadas. Conhecida como *Retro Girl*, a bordadeira raramente utiliza linhas retas, e suas molduras reafirmam seu encaixe na estética *vintage*<sup>10</sup> – (Figura 1).

Figura 1: Bordados criados por Erin Alyssa, 2024.

<sup>8</sup> Erin Alyssa é uma artista têxtil bordadeira canadense conhecida principalmente por seu estilo inspirado na beleza do céu noturno, que rapidamente ganhou popularidade nas redes sociais. Seu trabalho reflete uma mistura de nostalgia e modernidade. É autora do livro ‘*Retro Embroidery Girl*’ e proprietária da marca ‘*Salt Water Stitches*’. <https://www.instagram.com/saltwaterstitches/>.

<sup>9</sup> Tarah Regan é uma artista têxtil e bordadeira americana que se destacou na comunidade de bordado por sua habilidade em criar peças que refletem uma narrativa pessoal e cultural, abordando questões de identidade, pertencimento e memória. A precisão técnica e a profundidade emocional que transmite lhe conferiram uma posição de destaque na comunidade de artesanato contemporâneo. <https://www.instagram.com/foxknollco/>.

<sup>10</sup> A estética *vintage* refere-se a um estilo visual e cultural que se inspira em elementos visuais de épocas passadas, geralmente entre os anos 1920 e 1980. Essa estética evoca uma sensação de nostalgia, romantizando o passado e trazendo uma sensação de autenticidade e originalidade ao combinar elementos antigos com toques modernos. É comum na moda, no design de interiores, na fotografia, e em diversas formas de expressão artística e cultural. Fonte: <https://www.bbc.com/culture/article/20240123-why-living-retro-is-perfect-for-now>.





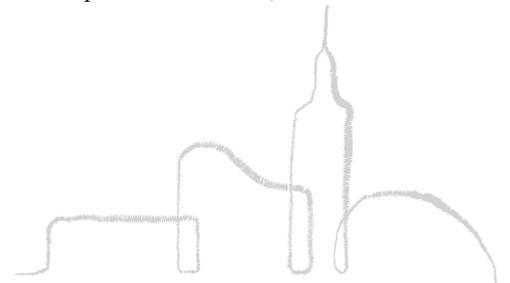
Fonte: <https://www.instagram.com/p/C9cyeH4vZB0/?locale=ru&hl=am-et> e <https://www.instagram.com/p/C53rZgnxdhc/?locale=ru&hl=am-et>, 2024.

Já na obra de Tarah Regan, o carácter clássico é exprimido através do uso de estampas tradicionais florais, nas quais o bordado alcança uma materialidade ao ponto de parecer saltar da tela. Como a Figura 2 revela, a criação de contraste na obra de Tarah não se dá somente no uso das cores, mas também ao combinar diferentes texturas, provenientes da combinação do têxtil com miçangas.

Figura 2: Bordados criados por Tarah Regan, 2024.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C7B3gRarwKU/> e <https://www.instagram.com/p/C5BGiWfr30h/>, 2024.



A tecnologia e os mundos digitais promoverão a tendência apelidada de *Digital Cozy* pela WGSN, que prevê cores vivas e uma estética surrealista<sup>11</sup> aplicada a itens físicos. No trabalho de Erin, algumas peças são marcadas pela exploração do inconsciente, com imagens oníricas que desafiam a lógica racional através de justaposições. Como podemos observar na Figura 3, a bordadeira cria um ambiente de fantasia surrealista e usa cores que se intensificam através do contraste.

Figura 3: Bordado criado por Erin Alyssa, 2023.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CuKJS0GrRwC/?locale=ru&hl=am-et>, 2024.

Em nível de cores, o relatório destaca o uso de tons de verde, que simboliza crescimento e esperança, bem como tons terrosos, que são sinônimo de estabilidade, confiança e atemporalidade. O uso de cores neutras e quentes se alinham aos novos estilos de vida regenerativos, promovendo um design simples que é intimamente associado à natureza e à segurança.

Figura 4: Bordados criados por Tarah Regan, 2024.

<sup>11</sup> A estética surrealista é marcada pela exploração do inconsciente, do sonho e do irracional. Caracteriza-se por imagens oníricas e ilógicas, criando cenas que desafiam a lógica e a realidade cotidiana. Elementos como metamorfoses, distorções, justaposições e perspectivas irrealistas são comuns, criando um ambiente de estranhamento e fantasia. Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/lifestyle/entenda-que-e-o-surrealismo-e-por-que-ele-esta-mais-relevante-que-nunca/>.



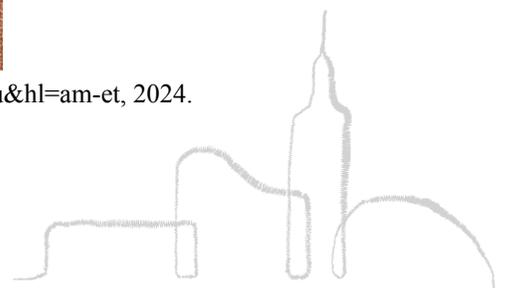
Fonte: <https://www.instagram.com/p/C5iktvuLQdp/>, 2024.

Há destaque para o interesse em viver harmonicamente com o meio-ambiente, pelo que os tons descritos podem atuar como ponte que interliga o desejo ao real. Tarah Regan utiliza da paleta terrosa, neutra e associada ao verde em alguns trabalhos, ressaltando a reconexão à natureza de forma literal, sempre através de elementos florais, como demonstra a Figura 4. Erin Alyssa também utiliza tons terrosos, como os exemplos assentes na Figura 3, mas a eles não ocorre a associação ao verde – e sim ao azul, como o exemplo da Figura 5 demonstra.

Figura 5: Bordado criado por Erin Alyssa, 2024.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C8926g7JTfV/?locale=ru&hl=am-et>, 2024.



Fora do âmbito estético, a conscientização coletiva exigirá, segundo o *white paper* ‘Lar & Lifestyles 2025’, transparência produtiva. Na comunidade do ciberbordado, é cotidiana a partilha de todos os processos que envolvem o desenvolvimento das peças, desde a concepção dos riscos (desenhos criados para serem passados para o tecido) até a distribuição das peças, que se dá em lojas, pelos correios, ou até mesmo pessoalmente. Nos perfis do Instagram de Tarah e Erin, pode-se acompanhar cada um desses processos, principalmente através dos *stories* e *reels*.

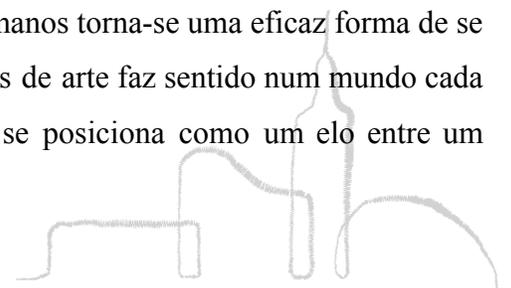
Ademais, o relatório prevê que, em 2025, os novos artesãos focalizarão na criação com propósito, por meio de tutoriais ou encontros para formar uma comunidade. Erin Alyssa também escreve sobre a prática do bordado, chegando a lançar o livro *Retro Girl Embroidery*, além de disponibilizar riscos para que a sua comunidade possa utilizar – de forma literal ou apenas como inspiração. Tarah Regan cria objetos personalizados via encomenda, aproximando-a ainda mais de seu público.

### Considerações Finais

O estudo do bordado contemporâneo revela não apenas uma técnica artística, mas um reflexo profundo das transformações sociais, culturais e econômicas que marcaram o século XXI. O bordado, historicamente marginalizado e confinado ao espaço doméstico, ressurgiu como ferramenta de expressão e resistência, alavancado por movimentos como o Craftivismo e *Slow Movement*. Essas práticas não só ressignificam o valor do trabalho manual, mas também questionam e subvertem as dinâmicas de produção e consumo impostas pela industrialização.

A análise bibliográfica do ciberbordado apontou que o contexto envolve, desde antes da pandemia, tendências previstas para 2025 pela WGSN, como a criação de comunidades, difusão de tutoriais, personalização e a transparência produtiva através das redes sociais. A análise dos perfis de Erin Alyssa e Tarah Regan, à luz das tendências descritas pela WGSN, mostra como o ciberbordado se adapta e se integra às novas demandas por autenticidade, sustentabilidade e conexão emocional no consumo. Ao transformar o bordado em um meio de expressão artística e política, essas artistas criam narrativas que dialogam com a ecologia, o feminismo e o ativismo social, reafirmando a relevância do trabalho artesanal num mundo cada vez mais digital e acelerado.

Num futuro que parece distópico, resgatar saberes ancestrais e humanos torna-se uma eficaz forma de se reconectar. Abdicar do minimalismo imposto pelos sistemas eurocêntricos de arte faz sentido num mundo cada vez mais consciente e plural. Dessa forma, o bordado contemporâneo se posiciona como um elo entre um



passado nostálgico e um futuro esperançoso, entre tradição e inovação, refletindo inquietações e aspirações de uma sociedade em busca de um tempo mais humano e consciente.

## Referências

ALBINO, C. **À procura de práticas sábias: design e artesanato na significação dos territórios.** Coimbra: CEARTE - Centro de Formação Profissional do Artesanato, 2017.

ATP. **Roadmap para a especialização inteligente e competitividade global da ITV portuguesa.** Lisboa: Associação Têxtil e Vestuário de Portugal, 2017.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRITO, T. F. S. **Narrativas e Tecidos Bordados.** Cadernos de Arte e Antropologia, nº 8, p. 47-58, Janeiro de 2019.

BROOKS, A. **Clothing Poverty: The Hidden World of Fast Fashion and Second-hand Clothes.** Londres: Zed Books, 2015.

EHRMAN, E. **Fashioned from Nature.** Londres: V&A Publishing, 2022.

FITZPATRICK, T. **Craftivism: a manifesto/methodology.** Melbourne: Tal Fitzpatrick, 2018.

FLETCHER, K. **Sustainable Fashion and Textiles: Design Journeys.** Londres: Routledge, 2021.

GOMES, A. P. **Bordar a si: Uma análise sobre o fazer artístico nas obras de Pedro Luis.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design-Moda) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

GWILT, A. **Fashion Design for Living.** Londres: Routledge, 2015.

HAN, B. **Favor fechar os olhos: em busca de outro tempo.** Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

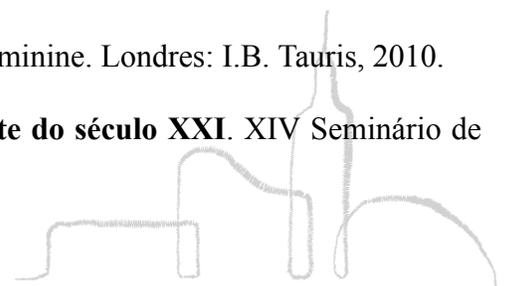
HONORÉ, C. **In praise of slowness: challenging the cult of speed.** Toronto: HarperCollins, 2004.

KRUCKEN, L. **A re-descoberta do lugar e do artesanato.** Editoria - Design, Artesanato & Indústria, nº 1, p. 22-30, Janeiro de 2012.

NOROGRANDO, R. **No princípio era a roupa.** Iara - Revista de Moda, Cultura e Arte, nº 3(3), p. 260-273, Dezembro de 2012.

PARKER, R. **The Subversive Stitch: Embroidery and the Make of the Feminine.** Londres: I.B. Tauris, 2010.

PEREIRA, C. N.; TRINCHÃO, G. M. C. **As imagens bordadas na arte do século XXI.** XIV Seminário de Desenho, Cultura e Interatividade, Feira de Santana, Outubro de 2019.



PEREIRA, S. E. M. S. **A moda na era pós-digital**. Tese de Doutorado (Doutorado em Média-Arte Digital) - Universidade do Algarve, Faro, 2017.

PIMENTEL, C. A. **Ciberbordado**: uma análise sobre a ressignificação do bordado no mundo virtual para as bordetes do Clube do Bordado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design-Moda) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

ROCCO, R. D. F. M. **Notas sobre a exposição Transbordar**: Transgressões do bordado na arte. MODOS: Revista de História da Arte, 5(2), 357-372, 2021.

SANTOS, H. R. R. **O novo Iluminismo e suas tensões**. Revista de Ciências Sociais, nº 52, p. 247-253, Janeiro/Junho de 2020.

SCHIAVIN, J. M.; GARRIDO, I. **Análise de conteúdo, discurso ou conversa?** Similaridades e diferenças entre os métodos de análise qualitativa. Revista ADM.MADE, nº 22(2), p. 01-12, Maio de 2018.

TVARDOVSKAS, L. S. **Tramas feministas na arte contemporânea brasileira e argentina**: Rosa Paulino e Claudia Contreras. Art Logie: Recherches sur les arts, le patrimoine et la littérature de l'Amérique Latine, 5(3), 1-20, 2013.

WGSN. **Lar & Lifestyles 2025**. Londres: WGSN, 2024. Disponível em: [https://lp.wgsn.com/home-lifestyles-2025-download-en.html?utm\\_campaign=home-lif%E2%80%A6](https://lp.wgsn.com/home-lifestyles-2025-download-en.html?utm_campaign=home-lif%E2%80%A6).

RITA, D. I. O. F. **Arte têxtil contemporânea e sustentabilidade**. Tese de Doutorado (Doutorado em Belas Artes na Especialidade de Pintura) - Universidade de Lisboa, 2016.

